

O futebol na produção artística de Nelson Rodrigues: estética literária e identidade nacional (1940-1970)

Natasha Santos
Universidade Federal do Paraná – Bolsista REUNI
Núcleo de Estudos Futebol e Sociedade - UFPR

RESUMO

O presente projeto volta-se para o estudo das produções artísticas de Nelson Rodrigues – não apenas crônicas, mas também romances, contos, peças teatrais e filmes –, a fim de abordar as referências ao futebol nelas existentes. Trata-se de uma pesquisa quanto à estética utilizada pelo autor em questão, restringindo-se aos discursos identitários sob a ótica futebolística, que compreendem os anos 1940 e 70. A partir da forte expressão de brasilidade manifesta pelos intelectuais da época, pretende-se compreender como se deram as representações futebolísticas sob a ótica de identidade nacional e estética literária/artística nas obras de Nelson Rodrigues, entre as décadas supracitadas; e, a partir daí, responder quais as conjunções utilizadas em torno do esporte bretão, no que se refere à formação de um ideário nacional. A fim de responder tais questionamentos e compreender as questões literárias – e artísticas de forma geral –, a pesquisa proposta será baseada, em especial, no estudo de Antonio Candido, quanto à análise literária baseada em texto e contexto – cabe dizer aqui que, no desenvolvimento da pesquisa, serão utilizados outros métodos, específicos de manifestações artísticas. Soma-se a isso, a necessidade de tratar dos conceitos dos campos, desenvolvidos por Pierre Bourdieu e, por fim, tratar de algumas “tradições inventadas”, baseando-se em Eric Hobsbawm e Terence Renger, tendo em vista que Nelson Rodrigues exerceu perfeitamente esse papel.

Palavras-Chave: identidade; literatura; Nelson Rodrigues; futebol.

Introdução

Brasil, século XX, mais especificamente, décadas de 1940 e 50. Prevalece em torno do futebol a iniciativa de um ideal identitário, cujas raízes foram estabelecidas por Gilberto Freyre e disseminadas, sobretudo, por Mario Rodrigues Filho¹. Este defendia o futebol de maneira “radical”, tratando de questões da identidade nacional, como a constituição da raça e identidade brasileira, reafirmando a história do futebol de maneira quase literária, aos moldes dos ensaios produzidos por Freyre. Ao título de *O Negro no Futebol Brasileiro*, Mario Filho buscou mostrar a participação do futebol na constituição de uma nação integral, a partir das relações raciais no esporte que, para o autor, teriam superado as tensões uma vez existentes. É o que explicam Helal e Gordon Jr:

Como num quebra-cabeça, partindo de “causos” (alguns talvez fictícios) da tradição oral do futebol, Mário Filho teria recortado e montado uma estrutura narrativa, cujo objetivo era

¹ HELAL, R.; GORDON JR, C. *Sociologia, História e Romance na construção da identidade nacional através do futebol*. In: HELAL, R.; SOARES, A. J.; LOVISOLO, H. *A Invenção do País do Futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

mostrar como o futebol teve uma participação decisiva na democratização racial e, portanto, na construção de uma nação integral.²

Mario Filho contava, ainda, com um difusor ferrenho de suas ideias: o irmão mais novo, Nelson Rodrigues – que será o grande protagonista do estudo aqui proposto. Nelson Rodrigues, teatrólogo e escritor desde muito cedo, era reconhecido pela peculiar dramaticidade impressa em suas crônicas esportivas, as quais representavam uma segurança profissional, tendo em vista a periodicidade com que eram solicitadas (jornais), bem como o constrangimento que seus polêmicos textos teatrais causavam na sociedade da época³. Tanto que a biografia escrita por Ruy Castro, em 1992, carrega o título de *O Anjo Pornográfico*.

Ao compartilhar das ideias de Mario Filho, Rodrigues contribuiu para a disseminação dos ideais de identidade nacional da década de 1950, tornando-se uma referência quanto ao fenômeno futebol. O literato detinha uma escrita que se fazia entender por qualquer leitor, embora houvesse, por outro lado, aqueles que criticavam e detestavam os seus “excessos” literários; a quem Nelson Rodrigues se referia como os “idiotas da objetividade”. O autor era um dramaturgo obcecado pelos instintos humanos e, por meio da escrita, buscava denunciar um processo de desumanização, sobretudo por parte da elite econômica brasileira da época. Para ele, o homem fugia da sua natureza, caminhando rumo à racionalidade excessiva somada à ausência de sentimentos arrebatadores; e é diante deste contexto, que Rodrigues entendia a função do teatro: como um meio de trazer ao público sentimentos mais fortes, quiçá, a capacidade de se espantar.

Falava, também, das paixões do povo brasileiro, inserindo aqui, a que seria uma das mais fortes delas: o futebol e, mais do que espalhar essa sensação de pertencimento, Nelson Rodrigues escrevia como torcedor, sem deixar o “campo literário”⁴. Os discursos, carregados de um ideário de nacionalidade, se faziam presentes mesmo nas derrotas da seleção brasileira, pois, para Rodrigues, o país sempre teve o melhor selecionado do mundo. O cronista acreditava que o problema consistia na falta de autoconfiança, na postura submissa que os brasileiros assumiam diante de uma nação estrangeira, o que o

² *Id. Ibid.* p.53.

³ PROJETO RELEITURAS Arnaldo Nogueira Jr. Disponível em: http://www.releituras.com/nelsonr_bio.asp. Acessado em julho de 2009.

⁴ BOURDIEU, P. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

literato veio a nomear “complexo de vira-latas”, assumindo a metafórica relação entre cães com *pedigree* e os sem raça:

[...] a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo no futebol. Dizer que nós nos julgamos “os maiores” é uma cínica inverdade... Já na citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: - e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: - porque Obdulio nos tratou a pontapés como se vira-latas fôssemos. Eu vos digo: - o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo. O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas e que tem futebol para dar e vender.⁵

Pensando nessa característica de Nelson Rodrigues quanto ao manejo das palavras, ao qual se somam os ideais de identidade nacional estabelecidos pelo teatrólogo como tradições propriamente ditas, este projeto volta-se para o estudo das produções artísticas rodrigueanas – crônicas, romances, contos, peças teatrais e filmes –, a fim de abordar as referências ao futebol nelas presentes. Em outras palavras, trata-se de uma pesquisa quanto à estética utilizada pelo autor em questão, restringindo-se aos discursos identitários em torno do esporte, que compreendem os anos 1940 e 70. Tal recorte cronológico se deve ao fato de que grande parte das obras do autor e, principalmente, aquelas que correspondem à temática a ser analisada, foram produzidas nesse período.

Com base em tais aspectos, mais a forte expressão de brasilidade manifesta pelos intelectuais da época, questiona-se: como se deram as representações futebolísticas sob a ótica de identidade nacional e estética literária/artística nas obras de Nelson Rodrigues, entre as décadas de 1940 e 1970? E, a partir daí, quais as conjunções utilizadas em torno do esporte bretão, no que se refere à formação de um ideário nacional?

Passados o amadorismo e o profissionalismo marrom, o futebol ingressa na terceira etapa: o profissionalismo, que corresponde ao cenário entre as décadas de 1930 e 80, momento em que se consolidava não só o esporte, mas também, a crônica esportiva, a qual se estabeleceria devido, principalmente, à grande contribuição de Mario Filho, entre as décadas de 40/50⁶:

⁵ RODRIGUES, Nelson. *À sombra das chuteiras imortais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p.52.

⁶ CAPRARO, A. *Identidades Imaginadas: Futebol e Nação na Crônica Esportiva Brasileira do Século XX*. Tese em História – UFPR, 2007.

O percurso percorrido pelo futebol entre o amadorismo e o profissionalismo tem sua similaridade na trajetória da imprensa esportiva. Até o início da década de 40, o cronista esportivo ocupava a posição mais baixa na hierarquia dos jornais. Com a atuação de Mário Filho, houve a valorização do *métier* do analista e do repórter esportivo, a partir de seu trabalho com a promoção de competições, eventos, notícias e fatos – em suma, do próprio espetáculo. A invenção do profissional, donde temos uma múltipla simbiose: o jornal a criar a demanda para a produção do evento, e este a fornecer elementos para a atuação do homem na imprensa esportiva.⁷

Quanto aos esportes, nota-se uma aproximação por parte do Estado e, já na década de 1930, percebia-se o futebol como meio de inserção para a maior parte dos brasileiros, espaço este que outrora não era possível e que foi antecipado pelo esporte⁸. É neste contexto que o futebol se insere como uma tradição construída, típica do Brasil, reforçada por literatos através das crônicas, principalmente. Isto é, a partir da observação de um fenômeno social das massas (lê-se futebol), tais intelectuais passaram a refletir sobre alguns dos dilemas envoltos na sociedade brasileira, expressando-se por meio de produções artísticas das mais variadas.

Um dos principais elementos identitários é a miscigenação brasileira, que antes causava vergonha, mas, no futebol, caracterizou-se como o motivo dos bons resultados diante dos demais países⁹. Mario Filho, ao tratar do negro no futebol brasileiro, foi influenciado não apenas por Gilberto Freyre, mas também por um “freyrismo popular”, sendo este uma crença de que no Brasil não existiria preconceito racial¹⁰. Nesse sentido, cabe citar que:

A visão de Mário Filho, como a de outros intelectuais, artistas e escritores de sua época, está condicionada pela crença em um Brasil que, em poucos anos, teria passado da escravidão para a integração racial, via mestiçagem, caldeamento, amálgama ou conciliação. A mensagem que se poderia extrair dessa visão é a de que não só o nosso racismo seria diferente, como estaríamos superando o racismo, embora os Estados Unidos, com todo o seu desenvolvimento, não o tenham feito. **Por essa razão seríamos originais, especiais, e teríamos a nossa própria história, identidade e futuro.**¹¹

⁷ MARQUES, J. C. *O Futebol em Nelson Rodrigues*. São Paulo: Educ/Fapesp, 2000. p.17.

⁸ NEGREIROS, P. J. L. C. *Futebol nos Anos 1930 e 1940: Construindo a Identidade Nacional*. In: História: Questões & Debates, Curitiba, n. 39, p. 121-151, 2003. Editora UFPR.

⁹ SOARES, A. J.; LOVISOLO, H. R. *Futebol: a Construção Histórica do Estilo Nacional*. In: Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v.25, n.1, p.129 – 143, set. 2003.

¹⁰ SOARES, A. J. *História e a Invenção de Tradições no Futebol Brasileiro*. In: HELAL, R.; SOARES, A. J.; LOVISOLO, H. *A Invenção do País do Futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

¹¹ *Id. Ibid.* p.15-16. Grifo nosso.

Isto é, as proposições “popularizadas” de Gilberto Freyre, no que concerne ao homem negro e mestiço, bem como à sua singularidade no esporte, ganham força e são reafirmadas por intelectuais brasileiros, via jornais, principalmente. Seus discursos eram, via de regra, eivados de valores tradicionais, representados, sobretudo nas crônicas, por meio do saudosismo, da paixão, do improviso, do individualismo, da malícia, da ginga, enfim, de atributos que, para os escritores, representavam a autenticidade do povo brasileiro. Essas manifestações estavam carregadas de subjetividade e, por que não dizer, de criação literária.

Tal “ficção jornalística”, baseada nos cotidianos fatos esportivos, impulsionava os leitores a torcerem pelo selecionado brasileiro, bem como a tratá-lo com paixão. Dessa maneira, o futebol passou a fazer parte do interesse da população em geral, tendo em vista que, mesmo não sendo grande o número de pessoas letradas, naquela ocasião, essa postura era transmitida a todas as camadas da sociedade, tornando o esporte um ponto essencial da identidade do país. E, em se tratando de “ficção jornalística”, o autor de *Vestido de Noiva* é o grande oconcur. Suas explanações passionais, acompanhadas de uma estrutura estética ímpar, acabavam abraçadas pelo público.

Sob essa perspectiva está a importância da temática proposta. Nelson Rodrigues fez parte do grupo de literatos que contribuiu para essa apropriação identitária do futebol e, não bastasse isso, o também teatrólogo era citado positivamente por personalidades como Carlos Drummond de Andrade, Manoel Bandeira e Raquel de Queiroz, por exemplo¹². E é com base nessa representatividade – literária, artística e futebolística –, que se faz necessário um estudo das obras de Rodrigues. É certo que a análise do esporte bretão na crônica esportiva não é novidade, entretanto, tal abordagem pouco se estende ao campo artístico¹³ (a respeito do qual trataremos mais adiante), em que também se podem observar as minúcias rodrigueanas buscadas nas crônicas. Soma-se a isso o apreço pessoal pela ironia, pelos “jogos de cena” e pela intertextualidade de que Nelson Rodrigues se utilizava.

Discussão Metodológica

¹² CAPRARO, A. *Identidades Imaginadas: Futebol e Nação na Crônica Esportiva Brasileira do Século XX*. Tese em História – UFPR, 2007.

¹³ BOURDIEU, P. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

A fim de responder tais objetivos e de compreender as questões literárias e artísticas de forma geral, a pesquisa proposta tomará por base o estudo de Antonio Candido quanto à análise literária baseada em texto e contexto – cabe dizer aqui que, no desenvolvimento da pesquisa serão utilizados outros métodos, específicos de manifestações artísticas. Soma-se a isso, a necessidade de tratar dos conceitos dos campos, desenvolvidos por Pierre Bourdieu e, por fim, tratar de algumas “tradições inventadas”, baseando-se em Eric Hobsbawm e Terence Renger, tendo em vista que Nelson Rodrigues exerceu perfeitamente esse papel.

No que diz respeito à análise literária, como supracitado, cabe se utilizar dos preceitos de Antonio Candido quanto à fusão de texto e contexto, já que a história de um livro pode, por vezes, confundir-se à realidade em que se está inserido:

Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o **externo** (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, **interno**.¹⁴

Quanto à literatura e à vida social, faz-se necessária, também, a inter-relação entre a posição do artista, a configuração da obra e o público¹⁵. Ou seja, a posição do autor aparece como parte da estrutura da sociedade e, sendo assim, cabe verificar o papel que aquele ocupa nesta. Este papel irá interferir diretamente na configuração da obra, a qual depende do artista e da sua posição social – sabendo que os valores e ideologias do autor (por exemplo) terão atribuições fundamentais no conteúdo do texto a ser analisado. E, além disso, do mesmo modo que os elementos supracitados, o receptor da obra (sobretudo literária) sofre influências sociais e dá sentido a esta, ligando-a ao seu próprio autor.

E mais:

O diagnóstico deste fator **interno** se dá através do entendimento do conjunto da produção do autor: as temáticas mais abordadas, sua forma de entendimento do tema, sua facilidade – ou não – para mudar de opinião, enfim, sua personalidade literária. Assim, de acordo com os postulados de Antonio Candido, trata-se de uma interpretação profunda da estética que acabou incorporando a ‘dimensão social’ como conteúdo da obra.¹⁶

¹⁴ CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 8ª ed. São Paulo: Publifolha, 2000. p. 5-6. Grifos do autor.

¹⁵ *Id. Ibid.* p. 22-32.

¹⁶ CAPRARO, A. *Identidades Imaginadas: Futebol e Nação na Crônica Esportiva Brasileira do Século XX*. Tese em História – UFPR, 2007. p.15-16. Grifo do autor.

Isto é, a produção literária não existe apenas em si ou por si, ela está sujeita a interferências do meio no qual o autor se insere e, obviamente, a influências pessoais do escritor. Nesse sentido, é necessário levar em consideração o contexto em que o literato se encontra para só então realizar, de forma coerente, a interpretação da obra. Entretanto, diante de todos os aspectos recém-citados, cabe ressaltar que o pesquisador das Ciências Humanas deve atentar para o fato de não realizar um estudo apenas “especializado na estética literária”, mas compreender como o contexto social foi incorporado pelo autor e manifesto por meio de sua obra, seja ela artística ou literária¹⁷.

Soma-se a esta interpretação artística/literária, a necessidade de articular os campos esportivo e literário, o que constitui um dos principais pilares para o desenvolvimento do presente projeto. De acordo com Pierre Bourdieu, os campos se referem a:

[...] espaços estruturados de posições (ou de postos) cujas propriedades dependem das posições nesses espaços, podendo ser analisadas independentemente das características de seus ocupantes [...]. Há **leis gerais dos campos**: campos tão diferentes como o campo da política, o campo da filosofia, o campo da religião possuem leis de funcionamento invariantes.¹⁸

Ou seja: a ação se dá a partir de espaços (sociais) estruturados, determinados, em que os indivíduos “se engajam em relações recíprocas” no decorrer das atividades, e as leis são características de cada campo, o que implica certa autonomia a este¹⁹. A partir dos ensaios de Bourdieu, Maurício Martins, ao tratar do campo literário, expõe um estudo de caso, referente à sociedade francesa, segundo o qual existem os defensores da arte social e os da arte pela arte, cuja principal distinção seriam as camadas da sociedade. Estes seriam oriundos das classes mais abastadas financeiramente, que não necessariamente vinculariam qualquer contexto a suas obras, ao passo que os primeiros seriam membros das classes médias e até populares²⁰.

O campo artístico, por sua vez, se refere a uma “arena particular [...] onde indivíduos e instituições competem pelo monopólio sobre a autoridade artística à medida

¹⁷ *Id. Ibid.* p.16.

¹⁸ BOURDIEU, P. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p.89. Grifos do autor.

¹⁹ MARTINS, M. V. Bourdieu e Fenômeno Estético: Ganhos e Limites do seu Conceito de Campo Literário. In: Rev. Bras. Cienc. Esportes, v.19, n. 56, out. 2004.

²⁰ *Id. Ibid.*

que esta se autonomiza dos poderes econômicos, políticos e burocráticos”²¹. Sendo assim, o campo artístico, como os demais campos, corresponderia a uma “rede de forças” atuante em todos os seus agentes interiores, em uma esfera relativamente autônoma quanto à ação.

Inevitavelmente, o futebol foi incorporado à identidade nacional, por meio de uma tradição construída e reafirmada pelos intelectuais/literatos, cujas peculiaridades brasileiras seriam a ginga, a malícia, o improviso no jogo e afins. É nesse sentido, de inventar tradições, que há de se citar Nelson Rodrigues. Antes de tudo, cabe conferir a noção que Hobsbawm tece acerca do assunto:

Por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica automaticamente uma continuidade em reação ao passado. Aliás sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado.²²

Ora, o autor de *A Vida Como Ela É...* pode ser compreendido como um grande “inventor de tradições”, as quais, diga-se de passagem, não raro são citadas até os dias de hoje. A título de exemplo, criou o *Sobrenatural de Almeida*, a quem se referia ao acontecer um lance inesperado ou atípico no decorrer da partida; além de espalhar a tese de que seu irmão, Mario Filho, foi o inventor da crônica esportiva – questões estas que serão desenvolvidas com maior profundidade posteriormente.

Tendo em vista que a pesquisa se insere substancialmente na produção artística de Nelson Rodrigues acerca do futebol, serão utilizadas como fontes as obras do escritor, as quais estão estabelecidas entre as décadas de 1940 e 70. Nesse sentido, optou-se pela análise de produções de variados gêneros, que tratassem do esporte, bem como fizessem alusão ao ideário de nacionalidade – bastante forte nas crônicas esportivas do período. As obras escolhidas poderão ser acessadas via *Internet*, em livrarias, bibliotecas – já que muitas delas, inclusive peças teatrais, foram transformadas em livros – ou mesmo em locadoras, museus de Imagem e Som, quiçá em locais especializados como a Cinemateca de Curitiba – no caso dos filmes.

²¹ WACQUANT, L. *Mapear o Campo Artístico*. In: Sociologia, Problemas e Práticas, n.48, p.117-123, 2005. p.117.

²² HOBBSAWM, Eric. *Introdução: A Invenção das Tradições*. In: HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (org.). *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 9.

Como já citado anteriormente, foi entre as décadas de 1940 e 50 que a crônica esportiva ganhou força nas publicações diárias dos jornais, cujos textos eram escritos por alguns literatos de renome, como José Lins do Rego, Tomaz Mazzoni, Mario de Andrade, Mario Filho e, claro, Nelson Rodrigues. Entretanto, a abordagem do futebol não se restringe apenas às crônicas, mas também (e talvez não de maneira tão explícita), invade outros estilos artísticos, que, embora distintos, merecem os mesmos cuidados para que sua interpretação não seja tomada como verdade absoluta. Obviamente, cada um destes estilos – crônicas, romances, contos, filmes, peças teatrais – dispõe de uma respectiva metodologia para sua análise e compreensão.

Sabendo da influência pessoal do artista e de seu contexto, cabe a ressalva de que, ao se utilizar de um único artista, mesmo em se tratando de estilos artísticos tão diferentes, o que altera sensivelmente são apenas as possibilidades técnicas daquela determinada arte e, desse modo, o desenvolvimento da pesquisa proposta não se faz impossível.

Segue abaixo o quadro com a listagem das produções a serem analisadas, que variam entre filmes, peças teatrais, crônicas, contos e romances:

OBRA	MATERIAL / ACESSO	PERÍODO / TEMÁTICA
A Falecida	Peça teatral / Filme	1953 / moralidade
A Pátria em Chuteiras	Coletânea de crônicas / acervo pessoal	Décadas de 50- 70 / identidade nacional
À Sombra das Chuteiras Imortais	Coletânea de crônicas / acervo pessoal	Décadas de 50- 70 / identidade nacional
Meu Nome é Pelé (Rei Pelé)	Filme / museu de imagem e som (PR)	1963 / trajetória de Pelé
O Óbvio Ululante	Coletânea de crônicas /	1968 / questões políticas

	Biblioteca Pública do Paraná	
A Cabra Vadia	Coletânea de crônicas / Biblioteca Pública do Paraná	Décadas de 60 -70 / temáticas variadas
Memórias de Nelson Rodrigues (A Menina sem Estrela)	Coletânea de crônicas / acervo pessoal	1967 / memórias
A Vida Como Ela É...	Coletânea de contos / acervo pessoal	1961 / temáticas variadas

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, F. M. R. F. *“Com Brasileiro Não Há Quem Possa”*: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Unesp, 2004.
- BOURDIEU, P. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- CANDIDO, A. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Quatro, 2000.
- CAPRARI, A. M. *Identidades Imaginadas: Futebol e Nação na Crônica Esportiva Brasileira do Século XX*. Tese em História – UFPR, 2007.
- CARVALHO, M. M. *Além das Linhas do Campo e dos Versos do Poema: Investigação Sobre o Futebol-Arte*. Dissertação em Literatura – UnB, 2006.
- CASTRO, R. *O Anjo Pornográfico*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- FRANZINI, F. *No Campo das Idéias: Gilberto Freyre e a Invenção da Brasilidade Futebolística*. Revista Digital. Buenos Aires: Ano 5. n. 26, outubro de 2000. Disponível em: www.efdeportes.com. Acessado em julho/2009.
- FREITAS, M. de. *No meio do caminho: tensões presentes nas representações sobre o futebol e o ideal de modernidade brasileira na década de 1950*. Tese em História – UFPR, 2009.
- HELAL, R.; GORDON JR, C. *Sociologia, História e Romance na construção da identidade nacional através do futebol*. In: HELAL, R.; SOARES, A. J.; LOVISOLO, H. *A Invenção do País do Futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- _____; SOARES, A. J.; LOVISOLO, H. *A Invenção do País do Futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- HOBBS, E.; RINGER, T. (org.). *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- MARQUES, J. C. *O Futebol em Nelson Rodrigues*. São Paulo: Educ/Fapesp, 2000.
- MARTINS, M. V. *Bourdieu e Fenômeno Estético: Ganhos e Limites do seu Conceito de Campo Literário*. In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v.19, n. 56, out. 2004.
- NEGREIROS, P. J. L. C. *Futebol nos Anos 1930 e 1940: Construindo a Identidade Nacional*. In: História: Questões & Debates, Curitiba, n. 39, p. 121-151, 2003. Editora UFPR.
- PROJETO RELEITURAS Arnaldo Nogueira Jr. Disponível em: http://www.releituras.com/nelsonr_bio.asp. Acessado em julho de 2009.
- WACQUANT, L. *Mapear o Campo Artístico*. In: Sociologia, Problemas e Práticas, n.48, p.117-123, 2005.